

20-

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (DSA)

O movimento estudantil **BRASILEIRO**
e seus reflexos em Campina Grande,
1963 a 1964

por

GILMAR DOS SANTOS NASCIMENTO

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1 9 8 5

*fulguremos este trabalho
nota: 8,0 (oit)*
possuamos as seguintes referências
Sumário e índice de referências
Edete Magalhães de Figueiredo
Campina Grande,
0/8/4/1985

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA (DSA)

O movimento estudantil **BRASILEIRO**
e seus reflexos em Campina Grande,
1963 a 1964

por

GILMAR DOS SANTOS NASCIMENTO

Monografia que apresenta à Banca Examinadora, composta pelos Professores, JOSEFA GOMES DE ALMEIDA E SILVA (Orientadora), DURVAL MUNIZ DE ALBUQUERQUE JUNIOR e ODETE MAGALHÃES DE AMORIM. Indicados pela Comissão Coordenadora da Disciplina, **Projeto e Elaboração de Monografia** do Curso de Bacharelado em História, em atendimento as exigências de Conclusão de Curso.

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

1 9 8 5



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

S U M Á R I O

Página

AGRADECIMENTOS

INTRODUÇÃO

iv

1. ASCENSÃO E DECLÍNIO DO POPULISMO NO BRASIL..... 08

Notas

2. CLASSES MÉDIAS: SETOR ESTUDANTIL..... 23

2.1 - A Importância da UNE, na Organização Estuda
ntil..... 24

2.1.1 - A UNE e o alvo dos golpistas..... 30

2.2 - O Movimento Estudantil Católico..... 33

2.3 - A Luta dos Estudantes em Campina Grande..... 35

Notas

3. CONCLUSÕES..... 45

ANEXO

BIBLIOGRAFIA..... 49

AGRADECIMENTOS

No momento em que estou prestes a concluir o Curso de História, gostaria de agradecer a todas as pessoas que me auxiliaram.

Agradeço inicialmente a Deus, esta força maior que me faz vencer as barreiras, ao apoio da minha família, em todas as horas, a compreensão e dedicação dos meus professores.

Enfim a todos que direta ou indiretamente contribuíram na minha vida estudantil.

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico, cujo objeto de estudo é: O Movimento Estudantil ^{Brasileiro} e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964), se constituiu uma experiência de pesquisa e um esforço de ensaio no "Ofício de historiador", com esta expectativa nos envolvemos nas dificuldades pertinentes ao tema escolhido e nas questões relativas à (in) competência do artífice de historiador.

É propósito deste estudo apreender as reivindicações básicas do movimento estudantil em Campina Grande e sua interação com o movimento estudantil brasileiro.

A premência do tempo e a falta de monografias complementares para este estudo, levou-nos a enfrentar sérios obstáculos para elaboração desta monografia. Em primeiro lugar inexistente uma ordenação documental nas instituições, somando-se a este fato as dificuldades de acesso a outros órgãos especializados de pesquisa. Outro problema enfrentado, diz respeito a obtenção das entrevistas com pessoas que viveram o momento histórico, ou tiveram participação mais direta. As dificuldades a que nos expomos, não deve contudo, nos afastar do caminho da pesquisa e mais ainda do nosso papel de crítico, numa sociedade que guarda fidelidade a ordem, afastando a todo custo, qualquer movimento contestatório.

Nosso desejo era fazer uma profunda análise das

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

reivindicações encetadas pelo movimento estudantil, porém a medida que íamos conhecendo o assunto, o projeto de estudo mais se distanciava dos objetivos previstos. Para consecução do projeto, levantamos uma série de questionamento, que em parte foram respondidos satisfatoriamente, enquanto outros ficaram em aberto.

Repensar o Movimento Estudantil Brasileiro e seus Reflexos em Campina Grande (1963-1964), nos obriga entender o que é movimento e mais ainda movimento estudantil. O título nos indica que nosso campo de estudo, é a atuação do setor estudantil, parcela da sociedade brasileira (sem considerar o fator quantificável da população não escolarizada que coletivamente se mobilizava). Qual era o propósito deste movimento? Questionava esta coletividade estudantil, o sistema educacional, em que termos? O dilema dava-se entre o nível de conhecimento - o que tudo sabe x o que nada sabe? Debatia-se às questões pedagógicas, discutia-se o ensino acadêmico, colocava-se na pauta dos debates às implicações ideológicas do movimento histórico brasileiro, pelos quais os diversos segmentos sociais se mobilizavam, ou apenas o questionamento, se direcionava ao nível de reivindicações econômicas, como em geral acontece?

Para melhor situarmos as questões levantadas, tornava-se necessário identificarmos a categoria social estudantil, tendo em vista que no Brasil, a educação privilegia uma minoria, e portanto, uma elite. Apesar disto, 1963-1964

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

foi um biênio decisivo para a história política e econômica do País e no tocante a luta estudantil, o conteúdo das reivindicações defendidas pelos estudantes, estava longe de se incluir apenas num projeto, que fosse bandeira da elite.

O movimento estudantil identificava-se como luta das classes médias, composição sujeita as mais variadas flutuações, justamente por ser bastante complexa na sua constituição. Adotamos a ^{seção} classificação estudantil no segmento das classes médias, visto que segundo nosso entender, estava no grupo de pessoas que luta para sustentar o padrão aquisitivo de vida. As classes médias são olhadas com desprezo pelos estudiosos, em vista de sua acomodação, porém no momento que sentem-se ameaçadas, se levantam para não perder o poder aquisitivo, defendendo a todo custo seus reais interesses.

Face a esta complexidade de situações problemas, enveredamos para o estudo do momento histórico em pauta, desejando previamente conhecer o dilema econômico-político do biênio 1963-1964, para melhor compreender o social - ou seja, o segmento estudantil componente das classes médias brasileiras. Com esta preocupação, procuramos apreender algo do social, revelando a ação do movimento estudantil e mais ainda as bandeiras de luta por este defendido.

Dividimos nosso estudo em dois capítulos: ascensão e declínio do populismo no Brasil, no qual mostramos o

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

significado da Conjuntura Brasileira, quando se assistia a culminância das práticas democráticas e as subseqüentes con tradições e no segundo capítulo, classes médias: setor estu dantil, fazemos uma abordagem, tomando como referência ao movi mento estudantil brasileiro e suas relações com o movimento dos estudantes campinenses, onde procuramos detectar, desde a formação do movimento ^{estudantil} até o desenlace das organizações estu dantis, motivado pela ação repressora do autoritarismo implan tado em 1964.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

1. ASCENSÃO E DECLÍNIO DO POPULISMO NO BRASIL

"Democracia precisa de vez em quando de tratamento. E, às vezes, é preciso tomar medidas drásticas, para evitar que caia na aposta, a Ditadura".

HUMBERTO CASTELO BRANCO

(Arquivos particulares aberto a história por seu filho).

GRANDES ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA. 6:
36. Nov. 1973.

As raízes do governo populista no Brasil, está relacionada a presença de uma burguesia urbana na região Centro-Sul, bem como ao desenvolvimento no campo, de setores progressistas que juntos, irão minar o poder político das oligarquias. Isto observa-se mais claramente nos anos 1929/30, quando a base econômica que mantinha a hegemonia das oligarquias no poder, alicerçadas na agro-exportação entram em crise. A partir disto a burguesia intensifica a luta no sentido de dominar o poder-estatal, pois "a industrialização não era uma diretriz da política econômica do Estado oligárquico". (1)

*Burguesia urbana
e rural
apenas*

Com um movimento revolucionário, apoiado por setores da Burguesia urbana e rural, bem como pelas massas urbanas, o Sr. GETÚLIO DORNELES VARGAS chega ao poder, depois de ter perdido as eleições, para Júlio Prestes.

O Estado implantado por Vargas, utiliza como

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

mecanismo de legitimação as massas urbanas, atraídas pelo jogo de manipulação desenvolvido pelo mesmo.

Grupos dominantes rurais e urbanos

Como nenhum dos grupos que participava do mecanismo de poder, conseguiu exercer uma hegemonia política independente, Getúlio fica a vontade para desenvolver uma política paternalista e de jogo dúbil, em que ora, ataca certos setores, ora, os beneficia, no sentido de favorecer as forças que o auxiliaram.

Mesmo tendo sido estabelecido um "Estado de Compromisso" (2) as relações entre os diversos setores que fazem parte deste, é muito difícil, iniciando-se uma crise em 1932, cujo ápice será a conhecida Intetona Comunista. Vargas encontra assim os motivos para continuar no poder, (3) dando um golpe apoiado pelos militares. Elabora uma nova Carta Magna, onde o Presidente passa a governar com poderes autoritários.

O alinhamento da burguesia industrial, com os proprietários de terra torna-se mais visível, pois o primeiro dependia muito do segundo, tanto como gerador de divisas para as importações, como fornecedor de matérias-primas. Mas a burguesia urbana tem sua supremacia garantida dentro do Estado Novo. Vargas toma medidas de nacionalização da economia com a criação de empresas estatais e mistas e do controle sobre certas áreas de produção estratégica. Ao mesmo tempo minava as oligarquias, com a criação do Departamento Administrativo de Serviço Público - DASP, pondo fim ao clientelismo, apadri

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

nhamento desenvolvido por este e coloca esta forma de manipulação de empreguismo em suas mãos e nas da burguesia.

Com o objetivo de consolidar a dominação sobre os trabalhadores, são promulgadas as "leis trabalhistas" que representavam mais uma cartada no sentido de obter cada vez mais o apoio do operariado e beneficiar a burguesia com a imposição de um salário a nível de subsistência para o trabalhador e onde os patrões não repassavam os lucros. Com relação ao trabalhador rural, não se promulgou nenhuma lei, visto que entre as exigências das oligarquias para apoiar Vargas, estava a não intervenção no campo.

Mesmo com a existência de toda máquina paternalista em movimento, não evitou-se o surgimento de organizações de trabalhadores desatrelados do Ministério do Trabalho, exemplificando podemos citar o Movimento de Unificação do Trabalhador e a Confederação dos Trabalhadores do Brasil criadas em 1944.

A independência destas organizações, bem como o crescimento do Partido Comunista, assustaram a burguesia que logo convocou um congresso realizado em Teresópolis em maio de 1945. ⁽⁴⁾ Neste a burguesia elaborou uma carta econômica, que "proclamava o desejo dos participantes de se unirem na construção de uma nova ordem social." ⁽⁵⁾

A queda do Estado Novo, aconteceu porque a manutenção deste, não interessava mais aos setores que apoiaram

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

Vargas na sua implantação. O empresariado nos seus Congressos começou a dirigir slogans populares, no sentido de obter o apoio das classes médias que já mostravam-se contrárias ao Estado Novo, considerando o governo fascista.

Vargas, também percebeu que mudanças estavam para acontecer e para enfrentar ^{elas} estas, estimulou a criação de dois partidos, o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB que congregaria os trabalhadores e o Partido Social Democrático - PSD, cuja base de formação era os interventores estaduais, os industriais e os chefes políticos oligárquicos. Os contrários a Vargas alinharam-se na União Democrática Nacional - UDN que era formado por um conjunto de forças anticomunistas e anti nacionalistas, tendo como sustentáculo eleitoral as classes médias.

O General Dutra, um dos chefes militares que ajudou a sustentação do Golpe de Estado Novo, alertava Vargas, no sentido de redemocratizar o País, visto que o Brasil não se enquadrava mais, nas medidas que foram impostas pelo Estado Novo. Ao mesmo tempo, José Américo de Almeida, escritor e representante das oligarquias da Paraíba mostrava a Dutra sua responsabilidade para por fim ao Estado Novo. (6)

Getúlio, consciente das mudanças e sendo informado, desses encontros, vai através de uma jogada lançar a candidatura do Ministro da Guerra para Presidente da República, com o apoio dos partidos PSD e PTB. O candidato da UDN, o

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

primeiro a ser lançado será o brigadeiro Eduardo Gomes e receberá apoio de nomes expressivos como José Américo de Almeida, Hermes Lima, Maurício de Lacerda e outros.

Dentro deste quadro político, os estudantes não constituíam um movimento unificado, a União Nacional dos Estudantes - UNE apoiava Eduardo Gomes, havendo os setores ^{da} estudantis o candidato pessedista. *identificar-se com setores do PCB*

Vargas, com seu jogo dúbil, marcara eleições, mas ao mesmo tempo parecia não querer deixar a presidência, um exemplo maior disto é a sua simpatia pelo movimento "Quere mismo" que era constituído de setores do PSD e PTB, sendo os núcleos mais ativos, o Rio Grande do Sul, São Paulo e o Rio de Janeiro. Vargas, percebendo que o "Queremismo" devido as forças contrárias não sairia vitorioso, resolveu mudar a sua estratégia para o campo político, antecipando as eleições estaduais e diminuindo o prazo de descompatibilidade ^{dos políticos} para trinta dias. Com isto, Vargas pretendia obter um grande apoio dos interventores estaduais.

As medidas continuistas de Vargas, denunciadas constantemente pela UDN e mais o episódio da nomeação de Benjamin Vargas, com a renúncia do Ministro da Guerra Góes Monteiro, levaram os militares a depôr Getúlio.

Através de um jogo de alianças entre o PSD e PTB, Dutra foi eleito presidente, tendo um objetivo maior Re democratizar o País. Na verdade muitas prerrogativas do Estado Novo continuaram a existir, isto pelos compromissos assumi

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

dos. Dutra estimulou o desenvolvimento da Indústria privada, desestabilizando algumas estatais e facilitando a penetração do capital norte-americano. Com o objetivo de evitar a formação de movimentos autônomos de trabalhadores, criou alguns mecanismos, que reprimiam os que criticassem seu Governo.

em-115b O populismo atinge seu auge, com a eleição de Vargas, este teve a seu favor o desempenho das máquinas partidárias do PSD e PTB, além de uma série de força conseguida através das alianças estabelecidas. Vargas dependendo da plateia, tinha um tipo de discurso e com isto conseguiu somar as forças que lhe reconduziram ao poder.

Este segundo governo de Vargas, teve um forte caráter nacionalista, com a criação de importantes empresas estatais, isto desagradou os setores da burguesia, comprometidos com o capital estrangeiro, que vão exercer pressões sobre o governo. Só restava a Vargas estimular a organização da classe trabalhadora, como forma de dominá-la, e garantir com isso o sustentáculo do governo. Mas a crescente organização dos trabalhadores, deixava a burguesia em pânico, pois com o desenvolvimento da "Guerra Fria" os burgueses viam toda organização do operariado, como coisa de comunista e por sua vez, o operariado os considerava como agentes do Imperialismo.

Por estes fatores, Vargas passou a sofrer uma violenta campanha contra o seu governo, por parte da imprensa, tal movimento era liderado pelo Jornal Tribuna da Impren

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

sa, dirigido por Carlos Lacerda. Juntando-se a estes fatores um crime ocorrido na Rua Toneleiro⁽⁵⁾, em que perdeu a vida um militar, ^{agravando} a situação de Vargas e levando este ao suicídio, para não renunciar.

Com a morte de Vargas, temos uma política econômica favorável ao capital multinacional, Café Filho com sua Instrução 113, da Superintendência da Moeda e do Crédito -SUMOC, abriu as portas a implantação de indústrias multinacionais. Esta política era apoiada pela aliança, União Democrática Nacional - UDN e Partido Social Progressista - PSP.

Nas eleições seguintes, este esforço da UDN, foi derrotado. Através de uma aliança PSD e PTB, em que foi eleito Juscelino Kubitschek, mas logo o presidente distanciava-se desta aliança com o seu Plano de Metas, que possibilitou a penetração de grandes indústrias multinacionais, oferecendo estas, toda uma infra-estrutura para aqui se instalarem.

A concentração de complexo industrial, fez surgir em determinados locais, uma forte massa operária, ao mesmo tempo, aumentava as disparidades regionais, e no campo os movimentos camponeses vão consolidando sua força a cada dia, pois a penetração do capitalismo no campo, mostra a necessidade dos mesmos se organizarem, Embora essa força não fosse considerada legítima pela classe dominante, ampliou-se toda uma política contra a formação de sindicatos autônomos e contra o perigo vermelho, permanecendo o Partido Comunista na ilegalidade.

[Anexo
Café Filho]

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

dade.

Com o fim do governo populista desenvolvimentista de Juscelino, que teve como fonte propulsora o capital monopolista, temos a eleição de Jânio Quadros, que recebeu um forte apoio da UDN e com isto conseguiu uma expressiva votação. Jânio prometia "varrer" a sujeira da administração pública. Em alguns pontos recebeu o apoio da alta burguesia brasileira e dos militares de alta patente, pois Jânio no seu programa político mostrava-se contrário ao comunismo e disposto a manter o País aberto ao capital externo.

Mas, na Presidência Jânio Quadros, tomou atitudes que em pouco tempo, provocaram grandes reações dos setores direitistas que anteriormente o apoiaram. Jânio era favorável a uma política externa independente, que o levou a aproximar-se dos países socialistas, sendo esta política duramente criticada pelos Udenistas e pelos "irmãos do norte".

Iniciando-se ^{uma} a série de pressões por parte dos grupos que representam a alta burguesia financeira, banqueiros e grandes industriais atrelados ao capital norte-americano. As acusações não pararam e Jânio foi obrigado para não ser deposto, a renúncia ao cargo de Presidente.

Quando da renúncia de Jânio Quadros, o Vice-Presidente João Goulart, encontrava-se em viagem oficial no Exterior, mais precisamente visitando países socialistas, dentro da política externa independente, para reatar com estes rela

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

ções diplomáticas e aumentar o intercâmbio comercial.

No Brasil, Goulart não era bem visto e os militares lançaram um manifesto a Nação, acusando de admirador do regime socialista (Comunista), e que "na Presidência da República, em regime que atribui ampla autoridade pessoal ao chefe do governo, o Sr. João Goulart constituir-se-ã, sem dúvida alguma, no mais evidente incentivo a todos aqueles que desejam ver o País mergulhado no caos, na anarquia, na Guerra Civil". (7)

Mas, a posse de Jango era desejada pelo povo brasileiro, ocorrendo manifestações em todo o País principalmente no Rio Grande do Sul, onde o governador Leonel Brizola, formou a rede da legalidade e o General João Machado Lopes, comandante do III Exército, fazia advertência ao possível golpe.

Diante das pressões sociais o Congresso, reuniu-se em sessão permanente e mesmo com a advertência do Presidente em exercício Ranieri Mazzili de "que as forças armadas se manifestavam pela absoluta inconveniência, por motivos de segurança nacional, do regresso ao País do vice-presidente da República, Sr. João Goulart". (8) Não havia outra alternativa, a não ser empossar o Vice-Presidente, contudo para retirar todos os poderes do executivo, foi estabelecido o parlamentarismo. Sendo escolhido para Primeiro Ministro o Sr. Tancredo Neves, homem conservador e não favorável a reformas na propriedade.

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

A crise econômica, que se esboçava numa dívida externa de 3 bilhões e quatrocentos milhões de dólares, levará o Presidente Goulart à Washington, com o objetivo de se encontrar com o Presidente Kennedy e iniciar os contatos, visando a renegociação da dívida. Para "ajudar" o Brasil, o Presidente norte-americano, fez algumas exigências tais como: o corte imediato das relações diplomáticas do Brasil com Cuba e países do leste Europeu (países socialistas), remessas de lucro e dividendos para as empresas americanas americanas no Brasil. Goulart não deu nenhuma resposta imediata.

Como ~~a~~ forma parlamentarista de governo, não estava conseguindo resolver os problemas, e Goulart, encontrava-se, sem poder. ^{por este motivo} Foi apresentado no Congresso a Lei Capanema-Valadares (PSD), convocando o plebiscito para o início de janeiro.

"Dias antes o General Jair Dantas Ribeiro, então comandante do III Exército, faz uma advertência pública, obviamente dirigida ao Congresso: já se verificavam no Rio Grande do Sul manifestações de desagrado pela insistência dos parlamentares em não transferir para o povo o direito de decidir a questão e escolher livremente o seu sistema de governo". (9)

O plebiscito foi realizado, o povo revelou-se contrário, ao parlamentarismo e favorável ao presidencialismo. Com este resultado, Goulart assumiu a plenitude do seu povero.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

der, modificar o seu Ministério dando prioridade aos membros do PTB, bem como os comandos das unidades militares. É reforçada a partir de então, a linha nacionalista e reformista, sendo a estratégia formalizada com o plano trienal.

A alta burguesia, temerosa de Goulart, volta ao populismo de Vargas, com base nas massas, passam a articular um golpe tendo como cabeças os governadores da Guanabara e Minas Gerais, respectivamente Carlos Lacerda e Magalhães Pinto, além da presença do Embaixador norte-americano Lincoln Gordon. (10)

A grave crise política ia se desenvolvendo, quando Goulart anunciou um conjunto de reformas de base, as forças contrárias ou seja a Burguesia comprometida com o capital externo, e os latifundiários se organizaram, contra o governo, que era acusado de possuir um programa político comunista. A igreja deu apoio aos setores golpistas, as "marchas da família com Deus pela liberdade" é uma prova que eles tinham o respaldo popular para a queda de Jango.

Jango sabia que uma conspiração estava em gestação e o pretexto final foi a comemoração dos 40 anos da Associação dos Subtenentes e Sargentos, na qual Goulart, foi diretamente acusado. ^{ao fazer} Fazendo um discurso inflamado de improviso, considerado violento e transmitido pelos órgãos de comunicação, ^{alarmou as forças contrárias, que passaram a} ~~que no outro dia exigiam~~ a queda de Goulart.

A conspiração entrou na reta final, de Minas as

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

tropas comandadas pelo General Olímpio Mourão, apoiado pelo governador, partiam para a Capital, ^e em todas as unidades militares havia preparação e Jango, vendo-se sem nenhum meio de evitar o golpe, deixa a presidência fugindo para Montevidéo. Tem-se assim o fim do populismo e a implantação do governo autoritário.

NOTAS

1. C.f. Edgar Luis de Barros & Ricardo Maranhão. "As cidades contra a oligarquia". In: Brasil história texto e consulta. Coord. Antonio Mendes Jr. e Ricardo Maranhão. São Paulo, Brasiliense, 1979. p. 335.
2. Sobre as condições que levaram à formação do "estado de compromisso" ver Juarez Brandão Lopes. "Desenvolvimento e mudança social: formação da sociedade urbano-industrial no Brasil". São Paulo, Companhia Editora Nacional, MEC, 1976 e Francisco Weffont. O Populismo na América Latina, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. p. 48-49.
3. O golpe para o continuismo de Vargas no poder, estava sendo, processado desde 1935, com o Congresso, debatendo as ameaças subversivas e vota em 1936 a criação de um novo Tribunal de Segurança Nacional. Os golpistas aguardavam apenas alguma movimentação, no Rio de Janeiro. Forçou-se isto com um suposto plano comunista COHEN. Para ver uma maior análise. Thomas Skidmore. In: Brasil de Getúlio a Castelo (1930 - 1964). 4.^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. p. 42-49.
4. O congresso foi convocado pela Federação de Associações Comerciais do Brasil e pela Confederação Nacional da Indústria, presidido por Roberto Simonsen, participaram do mesmo cerca de seiscentas associações rurais, comerciais e industriais de todo o Brasil. Para uma melhor compreensão vide, René Armando Dreifuss. "1964: A conquista do estado - ação política, poder e golpe de classe". Petrópolis, Vozes, ~~Vo~~zes, 1981. p. 25.

5. René Armando Drefuss. op. cit. p. 25.
6. Para uma análise da participação no alerta a Dutra de Jo
sé Américo, vide. Oswaldo Trigueiro do Vale. "O General
Dutra e a Redemocratização de 45". Rio de Janeiro, Civili
zação Brasileira, 1978. p. 40 - 42.
7. C. f. Leôncio Basbaun. "História sincera da República"
(1961-1967). São Paulo, Alfa-Omega, 1983. p. 22.
8. Leôncio Basbaun. op. cit. p. 23.
9. Idem p. 30.
10. Lincoln Gordon, mantinha o Departamento de Estado Norte
americano informado de tudo que se passava no Brasil indo
várias vezes levar pessoalmente os relatórios. Sendo orga
nizada para ajudar os golpistas a missão "BROTHER SAM" que
não foi preciso ser utilizada, tendo em vista a vitória
das forças internas e, assim foram eliminadas as ameaças
a "Democracia Americana no Continente". Para uma análise
completa, vide Phyllis R, Parker 1964. O papel dos Esta
dos Unidos no Golpe de Estado de 31 de março". Rio de Ja
neiro, Civilização Brasileira, 1977. p. 77 - 133.

"Vamos ser justos. Proclamemos os benefícios já produzidos por essa revolução. Se não promoveu todo o bem, evituou todo o mal. Imaginemos o que seria essa nossa primeira guerra ideológica, a mais atrôz e catastrófica das lutas entre irmãos. E levantemos as mãos para os céus agradecidos pela tranquilidade que voltou depois de tantos sobressaltos: pelo sangue que não se derramou; pelo restabelecimento da unidade das classes armadas, garantia da paz interna; pela felicidade de ter o brasileiro deixado de passar pela vergonha de ser considerado o mais corrutor e corruto de todos os povos".

José Américo de Almeida

("Correio da Paraíba" - 10.10.1964).

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

2. CLASSES MÉDIAS: SETOR ESTUDANTIL

Nos momentos mais críticos que o país tem passado, registra-se a presença das classes médias,⁽¹⁾ nos movimentos reivindicatórios.

Como se explica tal reação, quando é sabido a resistência das camadas médias na participação das lutas sociais? Acreditamos que esta presença se justifica como forma de garantir seu "status", face a ameaça das crises. A mola-mestra responsável pelo avanço e recuo destes segmentos sociais se evidencia, durante as crises econômicas, com a perda do poder aquisitivo.

No biênio, 1963-64, anos que centralizaremos nossas preocupações, as classes médias, estavam bastante divididas nas suas lutas, apesar disto, participavam ativamente dos movimentos reivindicatórios que transbordavam no País. Ao lado desta complexidade de reivindicações e movimentos grevistas, o setor estudantil avançará defendendo mudanças radicais para o conjunto da sociedade, pois os estudantes tinham consciência de que as suas bandeiras de luta partilhava de um contexto mais amplo, que é a própria luta de classes. Para que o movimento das classes médias fossem vitoriosos, seria necessário que os setores ligados à produção, como os operários e camponeses, estivessem engajados na luta. Todavia observamos que a ligação dos estudantes e outros setores das classes médias

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

era superficial
eram superficiais.

Mesmo havendo interesses diferenciados "o movimento de massa, apesar das direções comprometidas, já chegava a ameaçar de fato, forçando a derrubada dos setores burgueses que anteriormente falavam em capitalismo independente, reforma agrária, etc." (2) Com isto observamos que o movimento de massa avançará suplantando as próprias reivindicações da burguesia reformista. E serão os setores reformistas das classes médias que tenderão para a direita e apoiarão o golpe.

2.1 - A IMPORTÂNCIA DA UNE, NA ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL

Desde os primórdios da história brasileira, tem-se observado a presença constante dos estudantes nas mais diversas lutas por mudanças, tais como: movimentos contra a exploração colonialista de Portugal e pela independência, contra a escravidão, pela República, até hoje a luta é intensa contra a ditadura militar e as formas de repressão que esta trouxe.

Todavia, gostaríamos de enfatizar que até a primeira metade do século XX, com raízes desde a colonização, o movimento estudantil caracterizou-se pela presença de setores da classe dominante, visto que eram os filhos desta que frequentavam as escolas.

É nosso propósito analisar o movimento estudantil no período 1963-64. Fase que se notabiliza pela atuação da União Nacional dos Estudantes - UNE, (3) como entidade máxi

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

ma de mobilização estudantil no Brasil. Há portanto grande interesse para a compreensão da organização estudantil a análise das linhas norteadoras ditadas pela UNE. Para melhor situarmos o problema, tentaremos fazer uma síntese histórica sobre a UNE, mostrando a direção da luta em cada período.

Esta entidade foi fundada, em 11 de agosto de 1937, por ocasião do primeiro Conselho Nacional de Estudantes, cujo órgão patrocinador foi a Casa do Estudante do Brasil - C.E.B. ⁽⁴⁾. Assim sendo a UNE, nasceu sob a dependência das correntes ideológicas das lideranças estudantis da C.E.B.

Logo as divergências ideológicas se chocaram, se parando-se a UNE da C.E.B., no segundo Conselho Nacional de Estudantes realizado em 1938.

Oficialmente a UNE, era reconhecida pelo governo, estando diretamente ligada ao Ministério de Educação e Cultura, recebendo verbas para a sua manutenção. Isto não sig nificava dizer que a entidade estudantil adotava os mesmos mecanismos do governo, ela assumia quase sempre uma posição incômoda e contrária as medidas governamentais.

As eleições na UNE, eram realizadas através dos Conselhos Nacionais de Estudantes que se verificavam anualmente, destes saíam a sua diretoria executiva. Havia um outro organismo de poder, o Conselho, formado por dois representantes de cada Estado e membros respectivos da: União Estudantil Estadual - U.E.Es., que eram as entidades estaduais.

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

A UNE, estava presente constantemente na discussão dos problemas nacionais, com realizações de seminários, onde se discutia desde a problemática universitária até a devastação e desnacionalização da Amazônia. Como organismo de divulgação dos problemas da luta estudantil, utilizava-se boletim informativo, divulgado nas faculdades e na imprensa do interior do País.

Quando da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a UNE mobilizou-se participando da campanha da entrada do Brasil na Guerra contra o Nazi-fascismo, e mesmo antes do final desta, inicia-se a luta estudantil contra o Estado Novo, cuja causa principal foi a morte do estudante Demócrito de Souza Filho, primeiro secretário da União dos Estudantes de Pernambuco, atingido por uma bala no comício pró-Eduardo Gomes que se realizava na Praça da Liberdade no Recife no dia 05 de março de 1945.

A partir de 1947, a UNE será dirigida por socialistas e o conteúdo da luta dá-se em função da defesa do Patrimônio nacional territorial e econômico do Brasil. É neste período que se desenvolveu a campanha pela Nacionalização do Petróleo, cujo título é "O Petróleo é Nosso", culminando com a criação da Petrobrás em 1953.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

Os anos 50-55, são considerados como o período negro da história da UNE, sendo caracterizado pela desmobilização estudantil. Um dado a destacar é que nesse período o Departamento de Estado Norte-Americano, enviou ao Brasil, a estudante Helen Roger, que juntamente com outras lideranças locais apoiam a candidatura direitista de Olavo Jardim de Campos. Esse período pode ser compreendido como a tentativa dos Estados Unidos em controlar o incômodo setor estudantil e implantação da ideologia anticomunista.

Este possível esvaziamento do movimento estudantil nos anos 50, não significava que os estudantes estivessem abandonado as suas lutas. E na década de 60, tem uma maior mobilização dos estudantes com relação a problemas nacionais.

Nos anos 1961-62, a UNE foi presidida por Aldo Arantes, neste período a entidade estudantil mobilizou-se contra o golpe que os militares pretendiam dar, para impedir a posse do vice-presidente, Sr. João Goulart. Para tanto foi decretada uma Greve Nacional de Repúdio, deslocou-se a Diretoria da UNE para o Rio Grande do Sul, onde através da rede da legalidade formada naquele estado pelo governador Leonel Brizola, dirigia-se aos estudantes.

Ainda nessa gestão ocorre uma movimentação no sentido de democratizar a Universidade, para acabar o elitismo e para que esta, desse respostas aos problemas nacionais. Para isto, era necessário que os estudantes tivessem a garantia 1/3 de representatividade nos órgãos colegiados. Para tal

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

pretensão a UNE, amplia a luta criando a UNE - volante e reativando o Centro Popular de Cultura, que juntos desenvolvem uma ampla campanha nos Estados.

Entidades de extrema-direita, como o Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD e o Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais - IPES, além da Ação Democrática Parlamentar organismo financiado com o capital estrangeiro, faziam acusações de que as reformas na Universidade, representava a tentativa dos comunistas de assumirem o controle da Universidade brasileira. Com isto não se conseguiu as almejadas reformas.

Em 1963, foi eleito no XXVI Congresso da UNE, que realizou-se em Santo André, José Serra, durante a sua presidência na UNE, desenvolveu uma Campanha pela ampliação das liberdades democráticas, reclavama-se o voto do analfabeto, ao mesmo tempo era desenvolvido uma ampla campanha de alfabetização, defendia-se medidas que preservasse os interesses em primeiro lugar do povo brasileiro, alertava-se para o controle das atividades e dos lucros do capital estrangeiro. Não aceitava-se a política recomendada pelo, Fundo Monetário Internacional - FMI. Chamava-se a atenção para o problema futuro que acarretaria o desmatamento e desnacionalização da Amazônia.

A UNE, bem como o conjunto dos estudantes, tinham em mente que sua luta, não era particular, apesar de

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

ver bandeiras específicas, mas representava o interesse por mudanças do conjunto da sociedade brasileira e nessa perspectiva havia uma ligação entre o setor estudantil e outros setores "isso era feito na medida em que os estudantes se solidarizavam com greves operárias e faziam por exemplo, manifestações de repúdio a assassinato de camponeses". (5)

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

2.1.1

A UNE: O ALVO DOS GOLPISTAS

Por ser uma entidade que conseguia mobilizar o setor mais consciente das classes médias e por mostrar quais os reais objetivos do golpe militar, que era abrir as portas do Brasil para a penetração direta do imperialismo norte-americano e por tomar posição contrária a tudo isto, a UNE, começou a sofrer as mais variadas forças de pressões, desencadeando-se toda uma série de boatos, na tentativa de enfraquecer a entidade no meio estudantil, como na opinião pública nacional. As acusações se dividiam com os interesses e as instituições contestadas. Acusavam a UNE de ser dirigida por estudantes profissionais, que a mesma era manobrada por Goulart e que eram comunistas a serviço de Moscou, na verdade nenhuma destas acusações tinham sentido, eram apenas ataques feitos pelos setores golpistas que não podiam controlar os estudantes.

"A UNE não foi atacada porque favorecesse o capital estrangeiro, porque defendesse uma Universidade elitista, porque conspirasse contra a democracia ou porque apoiasse as potências Imperialistas e Colonialistas. Ao contrário, a UNE, como expressão máxima do movimento estudantil estava sempre à frente na luta pela defesa da ampliação das liberdades democráticas, na denúncia da desnacionalização da economia, na mobilização pela reforma universitária, na solidariedade dos povos do terceiro mundo em suas lutas por independência e

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

soberania".⁽⁶⁾

Foi por ser uma entidade democrática, que tinha na sua plataforma de luta, a implantação de um regime que permitisse aos trabalhadores, aos partidos, a imprensa, aos sindicatos e a própria sociedade que controlasse e fiscalizassem o governo eleito pelo voto livre do povo, que a UNE sofreu a perseguição dos "Revolucionários de 1964", o primeiro ato repressivo foi contra a sede da entidade na Praia do Flamengo, Rio de Janeiro, esta foi invadida e incendiada sobre os olhos de muitos que aplaudiam dando apoio ao ato.

A repressão contra o setor educacional foi estabelecida, através dos Inquiridos Policiais Militares - IPMS, inicia-se o que os golpistas chamavam de "limpeza geral" com várias prisões de professores, funcionários e alunos de diversas universidades do país, sendo constante nestas prisões todas as formas de torturas. Para que se tenha uma idéia no Recife a estudante Sílvia Lúcia Montarroyos presa na Segunda Companhia de Guardas, unidade do Exército, sofreu as mais terríveis torturas até mesmo à noite com flash de lanternas de meia em meia hora, em seu rosto impedindo que a mesma dormisse e esta não resistindo enlouqueceu.

A UNE foi colocada pelo Congresso Nacional na ilegalidade, todavia continuou resistindo, lutando contra o golpe e pelo desatrelamento do Movimento Estudantil do controle direto do M.E.C., pois com a Lei Suplicy de Lacerda

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

(Lei nº 4.464 de 09 de novembro) ¹⁹⁶⁴ a UNE foi substituída por um Diretório Nacional de Estudantes, com sede em Brasília, onde todas as entidades estudantis estavam ligadas. Daí os estudantes não aceitarem, este Diretório, pois o mesmo significava o controle direto do regime, sobre as atividades estudantis.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

2.2 - O MOVIMENTO ESTUDANTIL CATÓLICO

A partir da década de 60 a UNE, foi fortalecida pela presença de entidades católicas. Aliás esta incorporação já se fazia retardar, pois as entidades de jovens católicos, existiam desde a década de 50, como veículo de controle da Igreja à inquietação da juventude brasileira, observada com certa suspeita pelo temor da penetração de correntes ideológicas contrárias ao credo cristão.

Praticamente, o marco inicial da ascensão católica no movimento estudantil, foi o ano de 1961, desenvolvendo importante papel as entidades como Juventude Estudantil Secundarista Católico - J.E.C. e Juventude Universitária Católica - J.U.C. Em várias oportunidades esses organismos tomaram posições contrárias a orientação dada pela Igreja, avançando rapidamente por uma via revolucionária nacional e antiimperialista, distanciando-se cada vez mais do episcopado que o assistia, principalmente quando tratava-se de um bispo conservador.

Em 1962, militantes da J.E.C. e J.U.C. em todo o país, fundam a Ação Popular, cujo documento base de criação é bastante claro "opta por uma política de preparação revolucionária, consistindo numa mobilização do povo na base de seus níveis de consciência e organização". (7)

A Igreja Católica, vendo o rumo divergente que seguia a J.E.C. e J.U.C. inicia toda uma série de pressões e

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

na sua V Assembléia Geral da C.N.B.B., elabora um "Plano de Emergência", no qual mostra a sua posição diante dos problemas brasileiros, deixando bastante claro que a Igreja desejava apenas uma partilha mais justa das riquezas, porém uma revolução socialista nunca.

Esta posição da Igreja, não nos causou estranheza pois sabemos, que durante todo o populismo esta sempre esteve com aqueles que se encontram no poder. "Por ocasião do Golpe de 31 de março de 1964, a hierarquia eclesiástica, em sua grande maioria manteve a tradição, aderiu a nova ordem institucional e legitimou ingênua ou conscientemente, o regime de força implantado". (8)

A posição da Igreja só mudará quando a representação desencadeada com o golpe atuar diretamente contra ela e esta perceber que o movimento de 64, foi um pacto da burguesia nacional e do Imperialismo, posto em prática pelos militares e que ela não fora incluída, sendo portanto excluída do bloco de poder a que tanto estava acostumada.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

2.3 - A LUTA DOS ESTUDANTES EM CAMPINA GRANDE

Em Campina Grande, o movimento estudantil caracterizou-se por uma forte presença de estudantes secundaristas, ⁽⁹⁾ cuja entidade de representação máxima era o Centro Estudantal Campinense - C.E.C. Considerado "como melhor escola política da Paraíba, onde todo aquele que se destacava na vida política passava pelo Centro". ⁽¹⁰⁾ Existindo ainda a nível de Colégios os Diretórios.

Estas entidades eram controladas por grupos que se alternavam na direção das mesmas, mas "já se manifestava a luta contra os "pelegos estudantis" que usavam as entidades ⁽¹¹⁾ como trampolins para ingressarem na política profissional.

O Centro Estudantal era formado por diversos organismos, onde destacava-se a sua diretoria executiva, que na prática era quem deliberava, um Conselho de representantes formado por estudantes de todos os colégios, não havendo número específico por colégio, dependia das eleições, e, que se constituía no Centro, como um mini-legislativo, além de um corpo de fiscais, ^{Gilmar} que na prática servia ^{mais} aos empresários que aos estudantes, marcando presença nos ônibus e portas de cinema, esta "polícia estudantil" exigia a apresentação das identidades estudantis.

Dentre as manobras dos "pelegos estudantis", para continuar a frente do Centro Estudantal, estava a antecipação das eleições como ocorreu em 1962, só que ^{estes} os mesmos não contavam com a presença em cena de um grupo de estudantes ^{estes} socia

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

listas, do Colégio Estadual da Prata, liderado por Francisco Derly, que passam a denunciar as manobras continuístas e as irregularidades cometidas pela diretoria na época, utilizando para tal os órgãos de comunicações existentes. Diante das pressões houve o recuo, para as eleições em setembro.

A Diretoria que estava a frente do Centro, na época não lançou candidato. Sendo organizada uma chapa eclética, a partir de acordos firmados por estudantes ligados ao PCB, ao JEC e ^{aos} movimentos colegiais.

As eleições no Centro, mobilizavam toda a cidade, com atos públicos, passeatas e a caça aos eleitores, além das acusações mútuas entre os candidatos.

A chapa encabeçada por Derly, saiu vitoriosa e "comentava-se reviver o Centro de Félix Araújo", fazer o mesmo voltar a sua antiga luta, até o meu diploma foi entregue pela filha dele, Tamar". (12)

A luta desenvolvida pelos estudantes campinenses não estava separada do contexto no Brasil, sendo assim, havia uma mobilização local por problemas que afligia toda a sociedade brasileira. "A nível específico dos estudantes se lutava pelo ensino público e gratuito, contra o academicismo predominante, pela melhoria do ensino, pela ampliação de vagas nas escolas, contra o elitismo e por questões próprias das escolas". (13)

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

As formas que assumiam estas lutas, variavam muito, destes atos públicos, passeatas, paralisações, até movimentos de mobilização de toda sociedade, como no caso da luta "contra a poderosa SANESA de Veneziano Vital, Fleury Soares e Edvaldo do Ó. Na primeira semana que entramos no Centro, começou a faltar água em Campina, prejudicando o funcionamento de várias repartições e o povo não se mobilizava, tomamos a frente e através de uma nota paga as emissoras de rádio divulgavam um nosso comunicado exigindo uma explicação em 24 horas, caso não aparecesse uma solução, nós iríamos convocar uma marcha da lata vazia, saindo de todos os bairros com destino a SANESA". (14)

Foi bastante o comunicado ser divulgado algumas vezes para que "o povo começasse a sair em passeatas, as emissoras de rádio interromperam sua programação normal e passaram a falar do local onde estava sendo feito o conserto. No dia seguinte a água retornou as torneiras." (15)

Com relação aos movimentos reivindicatórios de outras entidades, os estudantes participavam dando seu apoio a luta e se solidarizando. Como muitos estudantes eram bancários e tinham participação ativa, tanto no Centro como no Sindicato, sempre havia uma colaboração entre ambas as entidades, os estudantes participavam das greves dos bancários geralmente fazendo piquetes para evitar a sabotagem nos Bancos.

Era através do programa "Alvorada Estudantil", na Rádio Caturité, que as entidades estudantis faziam diver

O Movimento estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

As reivindicações e denúncias, muitas vezes, tendo que sair às pressas da emissora para não serem presos. Lutava-se, também junto a prefeitura no sentido de conseguir junto a esta a criação de uma assessoria estudantil, sendo isto, prontamente atendido pelo prefeito Newton Rique, que pediu a direção do C.E.C. para lhe enviar uma lista tríplice, a fim de que fosse escolhido o representante estudantil junto a Prefeitura, devido o golpe, isto não concretizou-se.

O movimento de ação católica, em Campina Grande nos anos 1963-1964, "passava a privilegiar a ação política", ⁽¹⁶⁾ acontecendo o mesmo que no restante do Brasil, afastando-se da orientação dada pela igreja. "A JEC dirigia grande número de Diretórios Estudantis e, principalmente a partir dos anos 60, teve influência decisiva na condução do Centro Estudantil, chegando a ser de grande peso nas eleições de 62. A partir daí conquista a entidade estadual dos estudantes secundaristas - AESP." ⁽¹⁷⁾ Com relação as entidades secundaristas estaduais, existiam duas, por falta de dados não podemos falar sobre as mesmas.

Os obstáculos ao movimento estudantil foram muitos, "a luta dos estudantes como sempre aconteceu, inseria-se na luta geral do povo brasileiro, sendo um dos setores mais dinâmicos e combativo (...). Contudo, o próprio movimento popular e o movimento estudantil dentro dele, apresentava uma debilidade central: a política central das "reformas de base", partia de uma concepção reformista de que "através de

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

sucessivos governos democráticos" se conseguiria conquistar um governo que atendesse os anseios fundamentais do povo e do país. Prevalencia a política de apoio ao governo Goulart e a confiança no "dispositivo militar do Presidente". As vésperas do golpe de 64, comentava-se, nas ruas que a reação iria dar o golpe... mas "o dispositivo militar do Presidente" ou os setores nacionalistas das forças armadas", o evitaria ou derrotariam". (18)

Apesar de sempre o movimento estudantil ser colocado como vanguarda, este foi responsável por alguns erros, primeiro não havia uma conscientização dentro do próprio movimento estudantil, era comum os estudantes em Campina Grande participarem de movimentação sem saber nem suas causas, como um movimento que partiu do Estadual da Prata com destino a Casa dos Estudantes, (19) muitos participaram sem saber sua causa, ou um movimento com direção ao Colégio das Damas. Estes movimentos tinham como finalidade no primeiro caso receber uma coleção que desaparecera do C.E.C. e no segundo evitar a saída de uma freira tida como progressista.

Com relação ao povo, "este não estava preparado para enfrentar o golpe. Aliás, fora preparado para assistir passivamente os acontecimentos. O povo estava político(a) e ideologicamente desarmado pelas concepções reformistas que predominava no seio do movimento popular". (20)

"O partido comunista brasileiro - PCB, era o principal protagonista desta política. Poucos dias antes do

O Movimento Estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

golpe, Prestes afirmou que "o povo estava no governo". A Ação popular e os movimentos de ação católica (JEC-JUC), embora tivesse uma prática mais combativa, não fugiam da concepção reformista, quando a estratégia que tinha - empiricamente era a "pressão das massas." "A única força que nessa época se levantou contra a "febre do reformismo foi o Partido Comunista do Brasil - PC do B, defendendo que "nos marcos do atual regime não é possível resolver os problemas fundamentais do povo brasileiro" e que "se impõe a luta enérgica para a conquista de um novo governo, popular revolucionário". No entanto, a influência política do P.C. do B, nessa época era diminuta e não jogou papel importante nos acontecimentos que levaram ao Golpe militar de 64". (21)

Mesmo tendo sido cometido erros, não se pode negar as conquistas do movimento estudantil, "a democratização das entidades, com a implantação de eleições diretas em todas elas, democratização das escolas, com os diretórios estudantis, participação dos estudantes nos órgãos de docentes e principalmente o papel de vanguarda exercido pelo Centro Estudantal". (22)

Na verdade o movimento estudantil jamais alcançará seus objetivos de democracia e liberdade, desligado da luta geral do povo, tinha consciência de que sua luta era de todos. No entanto o povo demonstrava não saber o que pretendia, deixando os estudantes numa posição incômoda com rela

O Movimento Estudantil BRASILEIRO e seus reflexos em Campina Grande (1963-1964).

repressão era "castrar a consciência nacional, valorizar a de lação, difundir o medo e impedir a evolução do dinamismo so cial. As perseguições realizadas em Campina Grande imediata mente após 64, arrefeceu os movimentos reivindicatórios, de senvolidos, provocando danos irreparáveis (...) tivemos mais ameaças e perseguições do que propriamente prisões, mas elas por si só já reduziram o nível das discussões em desenvolvi mento." (25)

O movimento estudantil campinense, defendendo as mesmas propostas da entidade nacional sofreu as mesmas vio lências, lideranças como Simão, Derly, foram detidas, o C.E.C, ficou sobre a intervenção do exército e, até hoje não voltou a funcionar.

Repressão maior abateu-se sobre as lideranças que estavam ligadas a produção e principalmente sobre os seto res que não possuíam vínculos com o governo, exemplo maior foi a violência que abateu-se contra as lideranças camponesas.

NASCIMENTO, Gilmar dos Santos.

ção as possíveis represálias por parte das forças contrárias ao desenvolvimento de entidades livres. Os próprios estudantes levantaram bandeiras do povo, mas não falavam a sua linguagem, não existia um canal de comunicação entre os estudantes e outros setores.

Por outro lado temos que analisar o seguinte: "o período de vida estudantil, particularmente o universitário, é relativamente curto, não se deve esperar do mesmo a promoção de modificações estruturais do sistema. (...) As concepções adquiridas perdurarão ao longo da vida e nortearão as atividades futuras do então profissional".⁽²³⁾ Com base no binômio concepção e experiência estudantil, deveria se por em prática uma luta pela transformação da ideologia imposta pelo populismo e depois pelo autoritarismo, no sentido de obter-se o apoio de todos os setores das classes médias, para as transformações desejadas.

"A ação repreensiva contra o movimento estudantil, em Campina Grande, será concomitantemente como desenvolvimento no restante do país. Desde 1963, que o principal jornal de circulação da época, vinha acusando os estudantes de comunistas de aliciadores de menores, mostrando apenas o lado negativo do Centro no sentido de denegrir a boa imagem que o Centro desfrutava perante o povo campinense".

No golpe, "praticamente todas as lideranças estudantis são detidas no Quartel do Exército, fichadas como "comunista" e liberadas logo em seguida".⁽²⁴⁾ O objetivo de tal

NOTAS

1. C.f. Virgílio Santa Rosa, as "Classes Médias", se define como um grupo de pessoas que ostentam um mesmo padrão de vida, sendo o interesse comum a todos os membros destas classes, a manutenção ou mesmo elevação do padrão de vida. In. Décio Saes. Classe média e política na primeira República Brasileira (1889-1930). Petrópolis, Vozes, 1975. p. 9-11.
2. C.f. Tendência caminhando de São Paulo. In: Cara a Cara, 1 (1): 15, maio. 1979.
3. O nascimento da UNE, não deu-se como uma entidade puramente de representação universitária, mas também secundarista. Para ver uma maior análise. Artur José Poerner. In: O poder jovem, 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. p. 136-137.
4. Não sendo uma entidade que representasse os verdadeiros interesses dos estudantes e vivendo mais da parte festiva a C.E.B., divergiu logo da UNE que assume a luta, os anseios dos estudantes. Para maior análise, vide, Artur José Poerner, op. cit.
5. C.f. Depoimento de Alto Arantes. In: História da UNE, depoimento dos ex-dirigentes. São Paulo, Livramento, 1980. p. 21. (Col. História presente 4).
6. C.f. Pronunciamento de José Serra, no XXXI Congresso da UNE, realizado em Salvador. In: História Imediata 5. São Paulo, Alfa-Omega, 1976. p. 46.

7. C.f. Helena Salen: "Dos palácios à miséria da periferia". In: A Igreja dos oprimidos Antonio Carlos Moura et alii. Coord. Helena Salen. São Paulo. Brasil Debates, 1981. p. 24. (Col. Brasil Hoje 3).
8. C.f. Helena Salen. op. cit. p. 17.
9. C.f. Francisco Derly, um dos nossos entrevistados, não havia em Campina Grande, um expressivo movimento estudantil universitário, pois existia na época apenas três escolas de nível superior (Politécnica, Faculdade de Economia e Faculdade de Serviços Sociais) com aproximadamente 500 alunos.
- 10.a 18
18. Por conveniência, deixamos de indicar os nomes das pessoas entrevistadas, mas a partir desta nota, todas as informações se basearam no testemunho de estudantes da época, que hoje atuam nas mais diversas atividades profissionais.
19. C.f. Francisco Derly, A Casa dos Estudantes era dirigida pelo presidente do Centro.
20. Em diante conforme os motivos expostos na 10.

3. CONCLUSÕES

Consciente de que muita coisa deixou de ser abordada no contexto deste trabalho, chegamos ao seu término. Devendo-se considerar, as limitações desta abordagem além das já anunciadas, no relativo a tentativa de fazer um estudo da luta estudantil campinense nos anos 1963-1964.

Considerando, no entanto o processo deste estudo em seus aspectos positivos, podemos dizer que o mesmo constituiu-se num instrumento de aprendizagem prática, por termos a oportunidade de exercitar os nossos conhecimentos no trabalho de pesquisa. Além do mais, nos possibilitou uma compreensão, do surgimento do populismo no Brasil, da atuação do movimento estudantil, bem como da implantação do autoritarismo.

Diante dos estudos realizados para esta monografia, chegamos as seguintes conclusões: o populismo foi uma forma de Governo implantada com o aval da burguesia urbana e rural, aliados a setores das oligarquias, tendo seu período de duração condicionado a prestações de serviços para o desenvolvimento destes setores. Que o populismo favoreceu pela própria contradição o despertar das massas à sua capacidade de luta. Os segmentos que lhes davam sustentação, começam a tratar do seu fim. Utiliza-se para tanto a estratégia do "perigo vermelho" e a de que o Sr. João Goulart, levaria o País ao Co

munismo. Na verdade isto foram pretextos utilizados com a finalidade de obter-se o apoio da frágil classe média, que vivia temerosa, das mudanças na ordem social, somou-se a esta preocupação o peso ideológico da Igreja que espalhava o medo e o terror, contra o comunismo, Ante estas expectativas os golpistas tiveram apoio das classes médias, para derrubar os setores nacionalistas da burguesia que nada tinham de revolucionários, e sim eram apenas reformistas.

Com relação ao movimento estudantil, apesar de algumas lideranças serem ligadas ao Partido Comunista Brasileiro, no geral as bandeiras de lutas desenvolvidas pelas entidades, eram de movimentos puramente reivindicatórios, Não conseguimos detectar nenhum movimento de grande expressividade que lutasse por uma transformação do modo de produção vigente. Observamos que as bandeiras de lutas, geralmente, se limitavam a problemas imediatos, por que passava o País.

Também em Campina Grande, o movimento estudantil, assumiu um caráter reivindicatório. Geralmente lutava-se por questões comuns a nível do País, a nível ^{da} sociedade campinense e por fim, reivindicações próprias do setor estudantil.

Este movimento aliou-se a luta da Igreja Católica, a nível de Brasil e local. O conteúdo de luta da Igreja tinha dois propósitos: acalmar, abafar o movimento estudantil e trazer os estudantes para a Igreja (questão de adeptos). Contudo o que observamos foi que estes movimentos católicos - JEC e JUC tomaram uma posição contrária a orientação da Igreja, sendo em muitos locais duramente combatidos pela hierarquia eclesiástica.

O setor estudantil e principalmente as suas lideranças sofreram as mais duras repressões, justamente porque os estudantes assumiram dentro das classes médias um papel de vanguarda e com isto tiveram contra si a ira dos golpistas.

Queremos alertar que os estudantes no geral não eram revolucionários, muitos participavam de manifestações sem nem saber os motivos porque lutavam.

Constatamos ainda que a escola fora o ambiente propício para o desaguar de reivindicações que objetivassem:

- a manutenção de um Governo que atendesse as suas aspirações;
- a gratuidade do ensino, como proposta para não onerar a renda familiar;
- a luta pela autonomia nacional, que significava preservar a sua própria autonomia;
- a própria luta para acabar o elitismo nas escolas. Pelo visto as bandeiras de luta do movimento estudantil estava longe de causar tanta preocupação aos grupos dominantes. O populismo atendia sua finalidade, manobrar uma grande parcela da população em função de uma minoria.

ENTREVISTA

1. Qual foi a sua participação no movimento estudantil de 1963/1964?
2. Você estava integrado ao movimento, como estudante secundarista, do curso superior ou como representante de entidades de classe?
3. Dependendo da sua relação com qualquer dessas entidades, gostaria de saber os pontos fundamentais por que lutava?
4. Como o movimento católico, atuou em Campina Grande?
5. Na sua opinião quais os principais obstáculos que impossibilitaram a continuidade da luta. Por que?
6. Até onde o movimento pode avançar em termos de ganho político?
7. O que era preciso para o movimento estudantil alcançar os objetivos almejados?
8. De que forma o aparelho opressor agiu contra as lideranças do movimento estudantil em Campina Grande no período de 1963/1964.

BIBLIOGRAFIA

- ALENCAR, Miguel Arraes de. O jogo do poder no Brasil. 2.^a ed. São Paulo, Alfa-Omega, 1982. p. 9 - 39.
- ALVES, Maria Helena Moreira. Estado e oposição no Brasil (1964-1984). Trad. Clóvis Marques. Petrópolis, Vozes, 1984. p. 19 - 119.
- BASBAUM, Leônicio. História sincera da República 1961-1967. 3.^a edição. São Paulo, Alfa-Omega, 1983. p. 9 - 61.
- CARA A CARA com o movimento estudantil. Cara a Cara. Campinas, 1 (1): 71-83, maio, 1978.
- DREIFUSS, René Armand. 1964: A conquista do estado-ação política, poder e golpe de classe. Trad. Laboratório de tradução da Faculdade de Letras da UFMG. 3.^a ed. Petrópolis, Vozes. 1981. p. 21 - 38.
- FERNANDES, Florestan. Os dilemas da reforma universitária. Debate e Crítica. São Paulo, 2:2 - 10, jan./jun. 1974.
- GARAUDY, Roger. A Revolta dos estudantes franceses e a revolução. Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 19/20: 39-51, maio/ago. 1968.
- GENRO, Tarso Fernando. A classe média e seu papel na luta social. Oitenta. Porto Alegre 135-140, nov.dez. 1979.
- HISTÓRIA DA UNE. Depoimento dos ex-dirigentes. São Paulo, Livroamento, 1980. V. 1, p. 13-47. (Coleção História Presente V. 4).

- MARTINS, Heloísa Helena Teixeira de Souza. Movimento estudantil e reforma universitária. Contexto. 1: 119-131, nov., 1976.
- MENDES JÚNIOR, Antônio & MARANHÃO, Ricardo. Brasil história texto e consulta, república velha. São Paulo, Brasiliense. 1979. V. 3, p. 334-336.
- MOURA, Antônio Carlos, et alii. A igreja dos oprimidos. Coord. Helena Salen. São Paulo, 1981. p. 17-62. (Brasil Hoje nº3).
- MOVIMENTO Estudantil: E agora? Cara a Cara. Campinas, 1 (1):5-41, maio, 1978.
- NASCIMENTO, Gilmar dos Santos. Movimento estudantil em Campina Grande, 1963-1964. João Pessoa, 1985. (Entrevista feita à Francisco Derly, e apresentada a disciplina, Elaboração de projeto e monografia. Curso de História da Universidade Federal da Paraíba).
- _____. Campina Grande, 1985. (Entrevista feita à Hélio Melo, Severino Machado, Simão Almeida, William Capim e apresentada a disciplina, Elaboração de projeto e monografia. Curso de História da Universidade Federal da Paraíba).
- _____. Movimento do sindicato dos bancários em Campina Grande, 1963 - 1964. Campina Grande, 1985. (entrevista feita à entrevista feita a Francisco Borges Sobrinho e apresentada a disciplina, Elaboração de projeto e Monografia. Curso de História da Universidade Federal da Paraíba).
- PARKER, Phyllis R. 1964: o papel dos Estados Unidos no golpe de estado de 31 de março. Trad. Carlos Mayfeld. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977. p. 77 - 133.

- PELLEGRINE, Hélio. Balança e perspectiva. Revista Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 19/20: 71-76, maio/ago. 1968.
- POERNER, Artur José. Ó poder jovem, História da participação política dos estudantes brasileiros. 2.^a ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979. p. 127-232.
- ROMAGNOLI, Luiz Henrique & GONÇALVES, Tânia. A volta da UNE. De Ibiúna a Salvador. In - História imediata 5. São Paulo, Alfa-Omega, 1979. p. 14 - 47.
- ROSSI, Clóvis. Militarismo na América Latina. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 11 - 49. (Col. Tudo é História, 46).
- RUIZ, João Álvaro. Metodologia científica, guias para eficiência nos estudos. São Paulo, Atlas, 1980. 166 p.
- SAES, Décio. Classe média e política na primeira república (1889 - 1930). Petrópolis, Vozes, 1975. V. 3. p. 9 - 21. (Col. Sociologia Brasileira).
- SOARES, Airton. O movimento estudantil, visto de fora. Cara a Cara. Campinas. 1 (1): 42-70. maio. 1978.
- SKIDMORE, Thomas E. Brasil de Getúlio a Castelo (1930-1964), 4.^a ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975. p. 21 - 71.
- VALE, Oswaldo Trigueiro do. O general Dutra e a redemocratização de 45. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978. 210 p.
- WEFFONT, Francisco. O populismo na América Latina. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1980.